



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Anais

IV Seminário Internacional Sociedade Inclusiva

Propostas e ações inclusivas: impasses e avanços

Belo Horizonte
17 a 20 de outubro de 2006

Sessões de Comunicações

Realização:



O PRECONCEITO CONTRA O GORDO E O CONSEQÜENTE SOFRIMENTO DO JOVEM: UM ESTUDO PILOTO

Claudia de Vilhena Schayer Sabino

Fernando Amaral

Francisco A Coutinho

George S. Sabino

Cristiano M. A.Gomes

Rua Roquete Mendonça, 408 - São José (Pampulha), Belo Horizonte / MG

CEP 31.275-030

Fone (31) 3319 4230

sabinoc@pucminas.br

1 INTRODUÇÃO

Preconceito de qualquer coisa ou preconceito de alguma coisa significa “fazer um julgamento prematuro, inadequado sobre o assunto em questão”. Implica, portanto, que um sujeito/indivíduo portador de pré-conceito irá 'inevitavelmente' causar algum prejuízo ao sujeito vítima do dito preconceito, considerando que há um prévio 'julgamento'. O preconceito, usualmente incorporado e acreditado, é a mola

central e o reprodutor mais eficaz da discriminação e da exclusão, embora seja uma categoria de difícil definição, "noção ainda obscura".

O preconceito constitui-se em mecanismo atuante, cuja lógica pode interferir em todas as esferas da vida. Os múltiplos preconceitos de gênero, de cor, de classe e outros têm lugar tipicamente nos espaços individuais e coletivos, nas esferas públicas e privadas. Fazem-se presentes em imagens, linguagens, marcas corporais e psicológicas de homens e de mulheres, nos gestos, nos espaços, singularizando-os e atribuindo-lhes qualificativos identitários, hierarquias e poderes diferenciais, diversamente valorizados, com lógicas de inclusões-exclusões conseqüentes, geralmente associadas a situações de apreciação-depreciação/desgraça.

Camacho (2001), mostrou que o fundamento básico de expressão contra os diferentes é a discriminação, nas suas variadas modalidades. Foram observadas práticas de intolerância em face dos diferentes, concretizadas pela discriminação social (aos pobres ou ricos demais), racial (aos negros), de gênero (aos homossexuais) e aos que se distanciam dos padrões colocados (aos bons alunos, aos maus alunos e aos novatos na escola, aos gordos, aos feios e outros).

A praxe da discriminação pode ser determinada pela aparência da pessoa: na escola pública, os fortes são temidos; na escola privada, o domínio é exercido pelos belos. Os bonitos são bajulados e os feios e desajeitados são rejeitados.

Crianças e jovens obesas são vítimas do preconceito (SCHARTZ, 2003), um preconceito poderoso, cruel e difícil de mudar (PUHL, 2003). Elas não nascem com preconceito; este é estabelecido através das crenças, aprendizado e exemplos durante toda a vida (KATSEKAS, 1996).

A mensagem social construída a respeito de ser gordo, no século 21, é clara: ser gordo é ruim! Sabe-se que o sobrepeso e a obesidade trazem sérios riscos à saúde, tais riscos entretanto, são muitas vezes utilizados para mascarar o forte preconceito e discriminação contra o gordo. Pessoas gordas não são discriminadas por terem a saúde comprometida. São discriminadas porque sua gordura é vista como uma falha do caráter (BRADLEY, 2003; CRANDALL, 1994).

O estereótipo de preguiçosas, incompetentes, sem auto-estima e auto-indulgentes além de emocionalmente doentes está associado às pessoas obesas (SCHWARTZ, 2003; ROEHLING, 1999; PUHL, 2005).

Crianças e jovens obesos geralmente sentem vergonha de seu corpo e isto compromete seu convívio social e aumenta o risco de depressão (PIERCE, 1997). A vergonha aumenta a ansiedade, a ansiedade aumenta o apetite e a criança engorda, o que aumenta a vergonha...

O preconceito contra a obesidade pode levar a alterações da rotina da pessoa e dos medos associados, podendo inclusive resultar em outras condições, como a anorexia e a bulimia.

A obesidade torna-se um problema de saúde pública em todo o mundo. Atualmente existem mais de um bilhão de adultos com sobrepeso em todo o mundo, e pelo menos 300 milhões destes são obesos (GOULART, 2005). O Brasil está entre os quatro países, junto à Dinamarca, Itália e Bahrain – que apresentaram as mais rápidas elevações da prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes nos últimos anos (LEÃO, 2003).

A despeito dos inúmeros tratamentos existentes, a prevalência da obesidade vem crescendo nas últimas décadas e especialistas já chegam a caracterizá-la como uma epidemia. Em alguns países, como nos Estados Unidos, é a doença de maior significado na saúde pública: os gastos com obesidade excedem os custos de doenças advindas do uso do cigarro (PUHL, 2003).

Diversos estudos registram o preconceito contra o gordo nas mais diferentes situações, como: emprego, escola, atendimento e serviço público (PUHL, 2003; VENUTI, 2002; ADES, 2002).

Há na literatura científica um interesse recente e que cresce acerca da extensão com que crianças, jovens e adultos são estigmatizados por serem gordos. Atitudes preconceituosas não apenas dos colegas mas também de professores e outros adultos são fontes freqüentes de sofrimento para crianças e jovens obesos. Suicídios infantis são registrados devidos a esta estigmatização (SCHWARTZ, 2003).

O preconceito contra o gordo apresenta ainda uma característica profundamente diferente do de raça ou cor: a sociedade considera que é ruim ser gordo e que o corpo é extremamente maleável, sendo necessário apenas autocontrole para manter-se magro (SCHWARTZ, 2003). O indivíduo é, pois, culpado por ser gordo.

Crianças e jovens com necessidades especiais contam com o auxílio de professores e adultos para ajudá-las e protegê-las contra preconceitos; o mesmo não ocorre com os obesos, pois os próprios adultos têm, muitas vezes, atitudes preconceituosas, já que acreditam que agindo assim, estarão incentivando os gordos a ‘buscarem um caminho mais apropriado’.

A discriminação na escola é sensível. Começando pela rejeição e atormentamento incessante pelos colegas, passando pelas atitudes negativas dos professores, a escola traz obstáculos freqüentes para a criança obesa. Estes fatos tornam-se de extrema gravidade, já que psicólogos e educadores consideram que o grau de aceitação que uma criança recebe dos outros é um índice para sua saúde emocional (LINDGREN, 1982).

Existe a possibilidade – já estudada – de o preconceito estar severamente relacionado aos danos causados pela obesidade (PUHL, 2003).

Ensinar professores e jovens a amenizarem o preconceito contra o gordo pode ser o primeiro passo para abolir o estereótipo e diminuir o sofrimento dos estigmatizados.

Este trabalho busca como objetivo, medir a extensão do preconceito contra o gordo e avaliar o sofrimento associado a este preconceito. Foi realizado um teste-piloto com alunos da PUC Minas e os resultados, aqui apresentados.

2 METODOLOGIA

Para coleta de dados foram utilizados questionários com perguntas abertas, vinculadas à expectativa de que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados são mais espontaneamente expressos em um projeto relativamente aberto do que em um questionário fechado.

Parte-se do pressuposto segundo o qual o respondente possui uma reserva de conhecimentos sobre o tópico em estudo. Com o intuito de articular suposições, expressas mediante o processo de responder a perguntas abertas, espera-se que o indivíduo esteja amparado por auxílios metodológicos. Desta forma, as questões são utilizadas para reconstruir as suposições sobre o assunto em estudo (FLICK, 2004).

Nesta reconstrução das suposições, foi necessário, ainda, estabelecermos um referencial de análise baseado no aparecimento de formas de expressão recorrentes nas falas dos entrevistados. Isso é coerente com as contribuições vindas do referencial do perfil conceitual, que procuram relacionar as formas de pensar aos modos de falar (MORTIMER, 2001, COUTINHO, 2005). A manifestação dessas formas de expressão permite categorizar as respostas ou fragmento de respostas. Após aprovação do projeto no Comitê de Ética na Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC) e assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido, um questionário contendo 5 questões foi aplicado a um grupo piloto composto por 45 alunos da própria PUC.

No questionário básico para contato com os sujeitos informantes da pesquisa, propuseram-se as seguintes questões:

1. Para você, qual o significado da palavra obesidade?
2. Para você, qual o significado da palavra preconceito?
3. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Se sim, em que situação?
4. O que vem à sua mente quando você se recorda desta experiência.
5. Você acredita que existe no Brasil, o preconceito contra o gordo? Por quê?

A questão (1) leva à explicitação sobre o que o sujeito entende por obesidade e a questão (2) leva à explicitação do que ele entende por preconceito. A questão (3) e a questão (4), em conjunto, dão acesso a experiências e sentimentos situados em um determinado contexto. A questão (5) permite avaliar a existência do preconceito. Deve-se ressaltar os significados que o próprio sujeito dá às suas palavras e à sua experiência, sendo fundamental para dar voz à alteridade, estabelecendo-se assim uma relação de dialogia e familiaridade mútua.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo estudado foi composto por alunos da PUC Minas, numa faixa etária entre 19 e 25 anos, alunos do primeiro ano da Universidade, dos quais 75% considera ter a pele branca e 50% renda familiar acima de 10 salários mínimos.

Embora exista, na literatura, concordância sobre o aumento da prevalência da obesidade na população brasileira (FRANCISCHI, 2000; LEÃO, 2003), os autores discordam sobre em qual faixa econômica existe a maior incidência. Francischi *et al* (2000), em uma revisão da literatura, encontraram informações importantes quanto ao aumento da prevalência da obesidade no Brasil. Eles afirmam que, apesar de este aumento estar distribuído entre todos os estratos econômicos da população, ele é proporcionalmente mais elevado nas famílias de baixa renda, situação que também pode ser observada nos Estados Unidos (BRADLEY, 2003). Outro estudo, como o realizado por Leão (2003) em Salvador, Bahia, aponta mais elevados percentuais de obesos em escolas com nível sócio-econômico mais alto, para a mesma faixa etária. Eles sugerem que esta prevalência possa estar associada ao fácil acesso ao consumo de alimentos ricos em calorias vazias ou por diminuição de atividade física.

Na resposta formulada para a primeira questão, a respeito do significado da palavra obesidade, 26% dos alunos relacionaram a obesidade ao índice de massa corporal. A grande maioria considera obesa a pessoa que se encontra com o peso acima do ideal, mesmo que em pequena percentagem. Apenas 5% associam obesidade a problemas de saúde e nenhum a associou à herança genética. Isso está de acordo com o quesito levantado na introdução, exposta por Bradley (2003) e Crandall (1994), de que a obesidade não é geralmente associada diretamente a problemas de saúde, na fundamentação do preconceito. Dessa forma, justificar como razão para o preconceito um benefício para a saúde, é um argumento incoerente com a percepção da obesidade de seus colegas.

Alguns alunos relacionaram obesidade ao sedentarismo e à incapacidade física, o que já pode indicar preconceito, pois este é um assunto multifatorial, envolvendo diferentes campos e abordagens como o físico, o psíquico, o ambiental e/ou genético. A obesidade é o resultado também, de diversos obstáculos psicológicos – internos, relacionais, comportamentais e psicossociais – não implicando necessariamente restrições físicas (OLIVEIRA, 2004).

A resposta a esta questão, que poderia ser considerada correta, segundo Almeida (2002), seria: a obesidade pode ser definida como uma doença resultante do acúmulo anormal ou excessivo de gordura sob a forma de tecido adiposo, o que pode resultar, provavelmente, em prejuízos à saúde.

Na segunda questão, a maioria dos alunos define preconceito como: “um conceito errado”, “formulado antes da hora”. Foram freqüentes também associações com: ignorância, exclusão, julgamento, rejeição, medo, desrespeito e não-aceitação.

Este resultado corrobora com a literatura que afirma que o preconceito apresenta três dimensões de complexidade: cognitiva, afetiva e comportamental (PUHL, 2005).

A cognitiva se refere ao sistema de crenças do indivíduo, sua base de conhecimento e sistema de pensamentos. Pode ser percebida por palavras mencionadas, tais como: julgamento.

A dimensão afetiva se refere às atitudes e aos sentimentos em relação a um determinado grupo de pessoas. Refere-se à parte do estado mental que independe do raciocínio, por exemplo: a sensação de desconforto que pode ser experimentada ao se sentar ao lado de alguém de um determinado grupo. Um componente da dimensão afetiva é o medo: medo do diferente, medo de não ser aceito. Os componentes afetivos do preconceito geralmente têm suas origens na infância, incluindo o medo do desconhecido, geralmente adquirido através de outras pessoas, tais como familiares, amigos e/ou mídia. Outros exemplos da dimensão afetiva são: os sentimentos de culpa, por ser membro da maioria, os de raiva, baseada em mitos culturais ou considerações errôneas e os sentimentos de lealdade ou conflito.

A terceira dimensão que é a comportamental, consiste na mais visível das três, observada em definições dos alunos, como: rejeição, não-aceitação, exclusão. Refere-se ao que realmente o indivíduo faz e como ele faz, não incluindo apenas o comportamento óbvio e deliberado, como por exemplo, um voto, mas também formas mais sutis de comportamento como um tom de voz e uma expressão facial. O condicionamento social, valores familiares, crenças religiosas, afiliações políticas e experiências educacionais podem reforçar os aspectos procedimentais do preconceito.

Na resposta à terceira questão, vários alunos declararam já ter em sido vítimas do preconceito e, entre as causas, destacam-se: altura, peso, religião, cor e posição social.

Estes preconceitos são comuns nas escolas brasileiras. Tal fato fica claro quando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), do Ministério da Educação,

refere-se à necessidade atual de garantir a todos a mesma dignidade e possibilidade de exercício de cidadania. Para tanto, há que se considerar o princípio da equidade, isto é, que existem diferenças (étnicas, culturais, regionais, de gênero, etárias, religiosas, físicas etc.) e desigualdades (socioeconômicas e físicas) que necessitam ser levadas em conta a fim de que a igualdade seja efetivamente alcançada.

A escola – sobretudo a escola pública – costuma receber um público heterogêneo. Para muitas crianças, a escola é sua primeira oportunidade de conviver com pessoas diferentes. Uns são brancos, outros negros, outros mestiços, há meninos e meninas, há os magros e os gordos, pessoas de renda familiar desigual, oriundas de famílias de religiões diversas e opiniões políticas antagônicas etc. Todos os alunos agrupam-se na mesma sala de aula usufruindo do mesmo direito à educação. A oportunidade é excelente para que cada um aprenda que todos merecem ser tratados com dignidade, não importa sua singularidade.

Para que estes itens sejam atendidos, torna-se indispensável que todos fiquem atentos aos problemas decorrentes das atitudes preconceituosas.

Quanto às experiências de serem discriminados – apresentadas na resposta da quarta questão – os alunos manifestaram: raiva, tristeza, decepção e mágoa. Entre as frases, destacamos:

“O sofrimento foi grande porque é muito ruim ser alvo das brincadeiras dos colegas na escola e na rua”.

“Todo mundo pensava que eu não era capaz de nada e isto diminuiu minha auto-estima”.

“Sofri muito e tenho medo de ser ridículo”.

“Meus pais e irmãos são gordos e sofro por eles.”

“Até hoje tenho muita mágoa e raiva”.

“Estes fatos me mostraram a ignorância humana.”

“As pessoas têm medo do diferente e por isto eu tenho muita tristeza.”

Novamente de acordo com o PCN, é inevitável suceder que, inspirados por preconceitos expressos aqui e ali, alguns alunos ajam agressiva e desrespeitosamente com colegas diferentes deles. Aqui, é dado um destaque para

preconceitos e desrespeitos freqüentes entre alunos: aqueles que estigmatizam deficientes físicos ou simplesmente os gordos, os feios, os baixinhos etc., em geral traduzidos e enfatizados por apelidos pejorativos.

Cabe ressaltar que a maioria dos alunos respondente relatou com veemência a mágoa e a tristeza associadas aos apelidos recebidos na infância.

Nesses casos, a atitude do professor, ao não admitir tais atitudes, revela-se fundamental. Não se trata de punir os alunos; trata-se de explicar-lhes com clareza o que significa dignidade no ser humano, demonstrar-lhes a total impossibilidade de se definir uma raça melhor que a outra, um sexo superior ao outro, determinada cultura a mais válida, ou mesmo que certos atributos físicos determinem personalidades mais fortes e assim por diante. Trata-se, na verdade e em sã consciência, de fazer com que os alunos pensem, reflitam a respeito de suas atitudes e dos valores ético-sociais que permeiam as relações humanas.

Quanto ao preconceito contra o gordo, no Brasil, todos os alunos, menos um, afirmaram sua existência. Dois alunos declararam que: “o gordo incomoda”, 30% relacionaram o preconceito à incapacidade física e 70% atribuem o preconceito contra o gordo ao estereótipo de se manter belo e magro, transmitido pelos meios de comunicação.

A discriminação contra obesos está presente na mídia, sendo considerada não apenas não-aceitável como, muitas vezes, cômica (BRADLEY, 2003) e objetivo de piadas.

É importante também salientar que a televisão é veículo de comunicação utilizado para o entretenimento e para a educação, representando a maior fonte de informações sobre o mundo e capaz de transmitir, aos mais diversos lugares e culturas, dados sobre como as pessoas se comportam, o que vestem, o que pensam, como aparentam ser e o que comem.

Nota-se significativo aumento do tempo gasto com o hábito de assistir à TV. No Brasil, adolescentes e jovens passam cerca de cinco horas por dia diante da TV (BRADLEY, 2003). Sabe-se que uma exposição de apenas 30 segundos a comerciais de alimentos é capaz de influenciar a escolha de crianças e jovens por determinado produto, o que mostra que o papel da TV, no estabelecimento de hábitos alimentares, deve ser rigorosamente investigado.

Diante da TV, uma criança pode aprender concepções incorretas sobre o que é um alimento saudável, uma vez que a maioria dos alimentos veiculados possui elevados teores de gorduras, óleos e açúcares (ALMEIDA, 2002).

Almeida (2002) afirma que os produtos alimentícios, quando comparados a outros, são os mais freqüentemente veiculados, na televisão brasileira, independentemente do horário ou do dia de gravação. A análise da qualidade dos alimentos veiculados mostra que a televisão promove e exalta, predominantemente, produtos com altas taxas calóricas. Conclui-se que a predominância de produtos com relevantes teores de gorduras e/ou açúcar pode estar contribuindo para uma mudança nos hábitos alimentares de crianças e jovens, em geral, e agravando o problema da obesidade na população. Nesse cenário, não mais nos surpreende o expressivo aumento da prevalência de obesidade – já reconhecida como questão de saúde coletiva (BOSI, 2004).

Além do mais a televisão demonstra que, nas sociedades ocidentais contemporâneas, o culto à magreza está diretamente associado à imagem de poder, beleza e mobilidade social, num contexto contraditório e paradoxal: por um lado, fomentam-se os lucros das indústrias de alimentos hipercalóricos via incentivo ao consumo e, simultaneamente, cobra-se magreza e sujeição a um ideal estético cada vez mais difícil de atingir.

A mídia realça o ideal de ser branco, magro, rico e feliz, quadro que geralmente não corresponde à realidade da população, o que acaba gerando sofrimento, mágoa, preconceitos e depressão.

O Brasil é conhecido como o país do futebol. Crianças pequenas, meninos e meninas se interessam pelo esporte. Os bons jogadores são heróis nacionais. Crianças e jovens gordos dificilmente conseguem praticar esportes e o arquétipo nacional reforça o estigma e o sofrimento deles. O ideal é o corpo esguio, bem torneado, sem que se leve em conta diferenças genéticas.

Para salientar repetimos que: ante a transmissão renitente e obsessiva desses conceitos, é evidente que o sobrepeso virá a se potencializar como um fator de sofrimento para aqueles que não alcançarem o estereótipo ideal das personagens de novelas ou top-models.

Vários alunos afirmaram ter presenciado repetitivos fatos diários relacionados à exclusão do gordo, como:

- dificuldade em andar de ônibus devido à largura da roleta;
- problemas em viagens devidos ao tamanho da poltrona do avião ou do ônibus;
- tamanhos de roupa disponíveis no comércio,
- tamanho da carteira na sala de aula e outros.

Aproximadamente 60% dos alunos citaram as dificuldades que o gordo encontra em manter um relacionamento sentimental, uma vez que os jovens preferem se relacionar com pessoas magras devido, também, às influências da mídia.

4 CONCLUSÕES

Embora seja este um estudo-piloto, há a comprovação clara da existência do preconceito contra o gordo entre os jovens, levando ao sofrimento, o que merece uma cuidadosa atenção. A literatura internacional cita as sérias conseqüências sociais, educacionais e psicológicas – às vezes irreversíveis – que este preconceito pode causar.

O preconceito contra o gordo é um tema grave e que deve ser abordado sob diferentes visões, incluindo a familiar, comunitária e social. Para a alteração de seu quadro serão necessários esforços conjuntos da comunidade, escolas e meios de comunicação.

Este estudo deverá continuar com jovens universitários e crianças em idade escolar, visando contribuir para o melhor entendimento do problema.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao FIP (Fundo de Incentivo à Pesquisa) da Pontifícia Universidade Católica, pelo apoio ao estudo.

REFERÊNCIAS

- ADES, Lia e KERBAUY, Rachel Rodrigues. Obesidade: realidades e indagações. **Psicol.** São Paulo, vol.13, n.1, p.197-216, 2002.
- ALMEIDA, Graziela Aparecida Nogueira de; LOUREIRO, Sonia Regina; SANTOS, José Ernesto dos. A imagem corporal de mulheres morbidamente obesas avaliada através do desenho da figura humana. **Psicol. Reflex. Crit.**, vol.15, n.2, p.283-292, 2002.
- ALMEIDA, S. S.; NASCIMENTO C. B.; QUAHOTIB T. C. Quantidade e qualidade de produtos alimentícios anunciados na televisão brasileira. **Rev. Saúde Pública.** São Paulo, v.36, n.3, jun. 2002.
- BOSI M.; ANDRADE A. Opinião. **Cadernos Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro, 12 (2): 197 - 202, 2004.
- BRADLEY, G. *et al.* Portrayals of overweight and obese individuals on commercial television. **American Journal of Public Health.** v 93 (8), p 1342-1348, August, 2003.
- CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educ Pesq**, vol.27, n.1, p.123-140, jan./jun. 2001.
- COUTINHO, F. A. **Construção de um perfil conceitual de vida.** Tese (Doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2005.
- CRANDALL, C. S. Prejudice against fat people: ideology and self-interest. **Journal of Personality and Social Psychology.** v 66 (5). p 882-894. May 1994.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FRANCISCHI R. P. *et al.* Obesidade: atualização sobre sua etiologia, morbidade e tratamento. **Rev. Nutr.** Campinas. v.13 n.1 jan./abr. 2000.
- GOULART, A. G. **Obesidade e fatores associados em uma amostra de mulheres em área de exclusão social, na cidade de São Paulo:** correlação com índices antropométricos. 242 p. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Clínica Médica, 2005.
- KATSEKAS, B.; DIANE, L. **Dynamics of prejudice:** a proposed definition and the counselor's role in the evolution of attitudes. Southern Maine: University of Southern Maine, 1996.
- KEMIR, M. H. Measuring self-esteem in context: the importance of stability of self-esteem in psychological functioning. **Journal of Personality.** v 73 (6). 2005. p 1569-1605.

KOWNER, R. When ideals are too "far off": physical self-ideal discrepancy and body dissatisfaction in Japan. **Genetic, Social and General Psychology Monographs**130. 4. 333-361. 2004.

LEÃO, Leila S. C. de Souza *et al.* Prevalência de obesidade em escolares de Salvador, Bahia. **Arq Bras Endocrinol Metab**, vol.47, no.2, p.151-157. abr. 2003.

LINDGREN, H. C. **Psicologia na sala de aula: o aluno e o processo de aprendizagem**. Rio de Janeiro: LTC, 1982. 325 p.

MINISTÉRIO da Educação. **Parâmetros e Referenciais Curriculares Nacionais**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/sef/sef/pcn.shtm>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2006.

_____. **Guia de orientações Metodológicas gerais**. Janeiro de 2001. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/sef/sef/pcn.shtm>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2006.

MORTIMER, E. F. Perfil conceptual: formas de pensar y hablar en las clases de ciencias. **Infancia Y Aprendizaje**, 24 (4): 475-490. 2001.

OLIVEIRA, Verenice Martins de; LINARDI, Rosa Cardelino; AZEVEDO, Alexandre Pinto de. Cirurgia bariátrica: aspectos psicológicos e psiquiátricos. **Rev. Psiquiatr. Clín.**, vol.31, n.4, p.199-201. 2004.

PIERCE, J. W. Cause and effect beliefs and self-stream of overweight children. **J. Child. Psychol. Psychiatry**. v 38.. p 645-650. 1997.

PULH, R. *et al.* Impact of perceived consensus on stereotypes about obese people: a new approach for reducing bias. **Health Psychol**. v 24 (5). p 517-525. September 2005.

PULH, R. M., BROWNELL, K. D. Psychosocial origins of obesity stigma: toward changing a powerful and pervasive bias. **Obesity Reviews**. 4, 213-227. 2003.

ROEHLING, M. Weight-based discrimination in employment: psychological and legal aspects. **Personnel psychology**. v. 52. 1999. p 969-1016.

SCHWARTZ, M. B.; PULH, R. Childhood obesity: a societal problem to solve. **Obesity Reviews**. 4, 57-71. 2003.

VENUTI, J. P. *et al.* **The relative stigma associated with smoking, obesity and criminality**. Collegeville: Ursinus College. 2002.